ENTREVISTA

"Sem água não pode haver agricultura"

PÁG. 6

CORREIO da manhã

www.cmjornal.pt

ESTE SUPLEMENTO É PARTE INTEGRANTE DA EDIÇÃO N.º 12 573 DO CORREIO DA MANHÃ E NÃO PODE SER VENDIDO SEPARADAMENTE

DEBATE

Cursos de Agronomia são garantia de emprego

PÁG. 7

CONFERÊNCIA CM MACEDO DE CAVALEIROS

INOVAÇÃO

COOPERATIVA DA RAÇA MIRANDESA TENTA FINTAR A CRISE USANDO AS NOVAS TECNOLOGIAS

CARNE DE VACA À VENDA NA NET

MANUEL AZEVEDO

PUB

PRÉMIO AGRICULTURA 2013

2ª EDIÇÃO

MACEDO DE CAVALEIROS CONFERÊNCIA

Prémio Agricultura continua a crescer

■ Três centenas de pessoas assistiram, no **Centro Cultural** de Macedo de Cavaleiros, ao debate sobre a **internacionalização** da agricultura

FOTOS NUNO FERNANDES VEIGA

■ **Casa cheia.** Políticos, empresários, bancários, estudantes e agricultores encheram o auditório do Centro Cultural de Macedo de Cavaleiros para assistir ao debate sobre a internacionalização da agricultura.

A terceira conferência do 'Prémio Agricultura 2013' teve lugar no Centro Cultural de Macedo de Cavaleiros.

Cerca de 300 pessoas, entre políticos, empresários, estudantes, bancários e agricultores, encheram o auditório, numa iniciativa do **Correio da Manhã**, JdN e BPI, que não pára de crescer.

Antes da conferência, os participantes tiveram, como as imagens documentam, a oportunidade de trocar algumas impressões e, como é sempre desejável, trocar contactos e, quem sabe, fazer alguns negócios.

A conferência, que debateu a internacionalização da agricultura portuguesa, começou com o painel empresarial, em que participaram Anabela Doreta, Joaquim Coelho Marques, Nuno Rodrigues Paulo, Rui Marques e Tomás Roquette.

Seguiu-se o painel institucional, com Albino Bento, Carlos Silva, Francisco Pavão, Manuel Duarte Moreno (presidente da Câmara) e Miguel Ribeiro.

O encerramento esteve a cargo de Manuel Cardoso, diretor regional de Agricultura do Norte. ■

■ **Tempo.** Albino Bento, diretor da Escola Agrária do IPB, a falar do tempo que fazia com Miguel Ribeiro, diretor coordenador do Banco BPI.

■ **Conversa.** Antes do debate, pôs-se a conversa em dia.

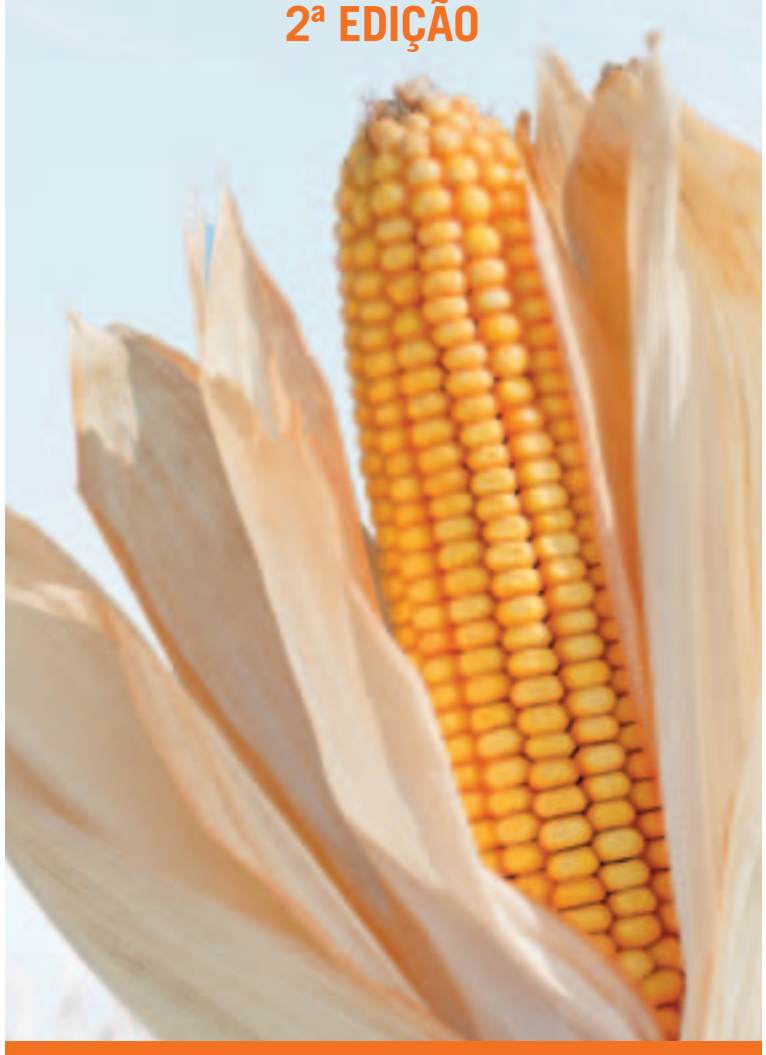
■ **Vinha.** Francisco Pavão, presidente da Comissão Vitivinícola e Regional de Trás-os-Montes, explica o crescimento quantitativo e qualitativo da vinha na região. Albino Bento ouve com toda a atenção.

PUB

PRÉMIO AGRICULTURA 2013

BPI | CORREIO da manhã

2ª EDIÇÃO



CANDIDATE-SE ATÉ 24 NOVEMBRO

O Prémio Agricultura promove, incentiva e premeia os casos de sucesso dos sectores Agrícola, Florestal e Agroindustrial nacionais, que se distingam nas categorias de Startups, Jovens Agricultores, PME, Grandes Empresas e Associações/Cooperativas.

Saiba mais em www.premioagricultura.pt

Apoio

Patrocínio

INTERNACIONALIZAÇÃO OBRIGATÓRIO

NUNO FERNANDES VEIGA

Exportações e internet ajudam a dar a volta à crise

■ Cooperativa **Mirandesa** usa **novas tecnologias** para atrair clientes com poder de compra

Por causa das quebras de vendas na ordem dos vinte por cento, registadas em lojas e grandes superfícies de Portugal, nos últimos dois anos, a Cooperativa Agro-Pecuária Mirandesa resolveu apostar em dois caminhos alternativos: a exportação e a criação de uma plataforma eletrónica de venda de carne.

"A exportação é a tábua de salvação das empresas e dos produtores nacionais. Mas a carne, sendo perecível e alvo de muitas dificuldades ao nível da certificação, no caso da ultracongelação, não pode ser exportada para muito longe e, por isso, estamos a procurar novos clientes, com poder de compra, através das novas tecnologias", disse Nuno Rodrigues Paulo, diretor comercial da Cooperativa e um dos participantes no painel de debate da Conferência Prémio Agricultura 2013 realizada em Macedo de Cavaleiros.

Tratando-se de carne certificada, com denominação de origem, pode custar 25 euros por quilo e, como tal, não é acessível à maioria das bolsas. Por isso, afirma o gestor, "a Cooperativa está a trabalhar na criação de uma plataforma de venda de carne através da internet".

A internacionalização foi o tema desta conferência, e Anabela Doreta, diretora-geral da AgroAguiar, que exporta 80 por cento da produção, afirma que "a conquista de novos mercados é difícil, mas um grande desafio".

"Começámos pelo mercado da saudade, mas hoje estamos em países como Brasil, Canadá, Estados Unidos, Rússia ou Nigéria", explicou a gestora.

Já Rui Marques, da Adega Cooperativa de Favaios, salientou que, "nesta adega, as exportações começaram em 2005 e, em apenas oito anos, atingiram 25 por cento do volume".

No caso da Quinta do Crasto, e por razões burocráticas, o caminho foi o inverso. "Começámos por ser uma empresa exclusivamente exportadora, mas hoje já vendemos em Portugal 30 por cento dos nossos vinhos e azeite", disse Tomás Roquette. ■

"Pagamos o **azeite** ao produtor a 2,40 € por litro"

■ O olival está a crescer em Trás-os-Montes em quantidade e qualidade. A exportação é cada vez mais uma realidade, pelo que os responsáveis da Cooperativa de Olivicultores de Valpaços, a maior da região, olham para o futuro com otimismo. "Estamos a receber cerca de dez mil toneladas de azeitona por ano, e as nossas exportações já atingiram os dez por cento", disse Joaquim Coelho Marques, secretário da direção. Para este responsável, o setor do azeite atravessa um bom momento e o seu cultivo continua a compensar. "Pagamos o azeite ao produtor a uma média de 2,4 euros por litro", sublinhou Joaquim Coelho Marques.

PORMENORES

DUAS MIL CARCAÇAS
A carne certificada de raça mirandesa ronda as duas mil carcaças por ano e é oriunda de 400 criadores.

OLIVAL CRESCE
A área de olival tem crescido muito nos últimos anos. Só nas últimas décadas foram plantados, na região de Trás-os-Montes, dez mil hectares de olival.

EMPRESA NA CHINA
A Adega Cooperativa de Favaios quer aumentar as exportações e, por isso, criou uma empresa em Hong Kong que abra caminho na China.

A APOSTA NA **QUALIDADE** CO

Do **Douro** para mais de 25 países

Adega de Favaios O moscatel que nasceu em 1952 com a proibição de fazer Vinho do Porto acima dos 400 metros

É um daqueles casos em que há males que vêm por bem. A determinação da Casa do Douro, em 1952, de não aceitar uvas para Vinho do Porto de vinhas situadas numa quota superior a 400 metros levou a que seis grandes viticultores de Favaios fundassem uma adega cooperativa para produção de um vinho generoso alternativo. E assim nasceu o Moscatel de Favaios.

Hoje, a Adega Cooperativa de Favaios tem no seu registo 550 associados, recebe uvas de uma área próxima dos mil hectares e fatura (dados de 2012) onze milhões de euros.

"Em 2005, resolvemos apostar na exportação e hoje vendemos para 26 países estrangeiros um quarto do que produzimos", afirma o diretor financeiro Rui Marques.

Para este responsável, a exportação tornou-se estratégica, a ponto de avançar para a criação de uma empresa em Hong Kong, com o objetivo de facilitar as exportações para o Oriente.

"O mercado que mais tem crescido é o da Polónia, fruto da expansão comercial do Grupo Jerónimo Martins, mas o Oriente, e particularmente a China, vem logo a seguir", assegurou Rui Marques. O 'Favaíto' é, atualmente, o produto de maior sucesso. ■

Licenciado em Gestão e técnico oficial de contas, Rui Marques é, desde 2009, diretor financeiro da Adega Cooperativa de Favaios.

FOTOS NUNO FERNANDES VEIGA

Arte de **exportar** o que vem da terra

AgroAguiar Em cinco anos, o volume atingiu 3,8 milhões de euros. Vende noz, castanha, amêndoa e frutos vermelhos

A ideia inicial era transformar e comercializar castanha, amêndoa e noz, ou seja, os produtos endógenos de Vila Pouca de Aguiar, terra onde nasceu a empresa. Só que estamos a falar de produtos sazonais e a fábrica tinha de ficar meio ano parada. Entraram, desta forma, na lista dos produtos os frutos vermelhos.

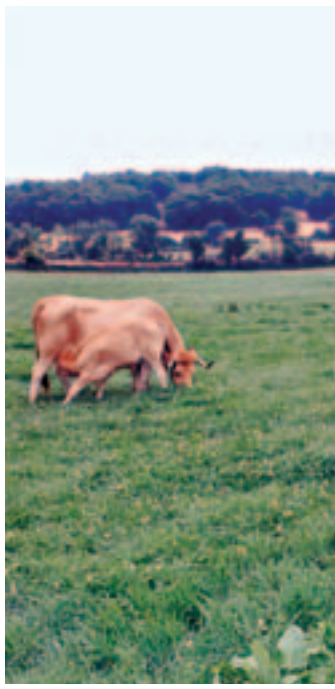
"A estrutura montada, na área da transformação, implicou um grande investimento, pelo que a empresa teve, naturalmente, de encontrar formas de rentabilizar. Daí que tenhamos optado pelos frutos vermelhos, o que nos permite laborar todo o ano", diz Anabela Doreta, a diretora-geral da AgroAguiar.

No ano passado, esta empresa, nascida no ano de 2008, faturou 3,8 milhões de euros e exportou cerca de 80 por cento do total da sua produção.

A boa performance económica e financeira desta empresa acabou por ser distinguida, recentemente, pelo IAPMEI, com o estatuto de 'PME Líder', que reconhece a sustentabilidade do seu crescimento.

Os derivados da castanha, como a castanha pelada ultracongelada ou a castanha assada ultracongelada, já chegam a geografias tão diversas como Brasil, Canadá, Rússia ou Nigéria. ■

Mestranda em Qualidade e Segurança Alimentar, Anabela Doreta é diretora-geral da empresa AgroAguiar.



Enchidos para paíse

Cooperativa Mira

a venda de carne de v
isso, é preciso detetar

As semanas de apagar as velas dos vinte anos, a carne de vaca da raça mirandesa com denominação de origem, ou seja, o topo ao nível da qualidade, tem de ir parar aos pratos de habitantes de países com maior poder de compra.

"O mercado interno está muito difícil para todas as empresas e, muito particularmente, quando estão em causa produtos de excelência e que, por isso, não podem ser baratos. Deparamos com uma quebra de quinze a vinte por cento, pelo que temos de apostar, ainda com mais insistência na exportação", diz Nuno Rodrigues Paulo, diretor comercial da Cooperativa Agro-Pecuária Mirandesa.

Esta cooperativa, que já vende enchidos de vaca para países árabes, como o Du-

Mestre em Tecnologias de Produtos de Origem Animal, Nuno R. Paulo é diretor comercial da Cooperativa Mirandesa.

OMPENSA

IMAGEM DE MARCA DA AGRICULTURA TRANSMONTANA, A QUALIDADE INIGUALÁVEL DOS SEUS PRODUTOS ULTRAPASSA FRONTEIRAS, SENDO APRECIADOS POR TODO O MUNDO

de **vaca** es árabes

ndesa A crise afeta vaca certificada. Por r novos mercados

bai, também consegue pôr posta mirandesa certificada na Rússia. Só que com custos que, praticamente, levam o lucro. A luta passa por conseguir um processo de congelação que não implique a perda de denominação de origem protegida.

A cooperativa tem cerca de 400 criadores, comercializa duas mil carcaças por ano de carne certificada e fatura (dados de 2012) 2,8 milhões de euros. Paga ao produtor, por animais que cumpram todos os requisitos, a 5,25 euros o quilo. ■

Cooperativa com 2200 sócios

■ **Valpaços** Símbolo do melhor azeite de Trás-os-Montes, a Cooperativa de Valpaços é a segunda maior de todo o País

Fundada em 1951 por 26 agricultores, a Cooperativa de Olivicultores de Valpaços conta hoje com 2200 associados. É a segunda maior do País e transforma anualmente em azeite uma média de dez mil toneladas de azeitona.

Atenta ao crescimento da área de olival na região, com a plantação de mais de oito mil hectares nas duas últimas décadas, a Cooperativa aposta na comercialização, buscando também mercados internacionais, mas pugna, em primeira linha, pela manutenção da qualidade do azeite.

"O ideal seria os produtores entregarem a sua azeitona antes do Natal, porque a geada tem um efeito nefasto na qualidade. Por isso, pagamos sempre melhor a que é entregue mais cedo", diz Joaquim Coelho Marques, secretário da direção, conferindo que "o preço médio pago ao agricultor ronda os 2,4 euros o litro".

Quanto à exportação, Joaquim Marques afirma que "esse caminho está a ser trilhado de forma sustentada" e acrescenta que "o que é vendido ao exterior já representa dez por cento da produção total".

A maior dificuldade, diz Joaquim Marques, está na rega, devido à dificuldade de captação de água na região de Trás-os-Montes. ■

Licenciado em Direito, Joaquim Coelho Marques é, desde 2011, o secretário da direção da Cooperativa de Olivicultores de Valpaços.

A fazer **vindimas** há mais de cem anos

■ **Quinta do Crasto** Começaram ao contrário, ou seja, a exportar tudo. Mas hoje são uma referência no mercado nacional

Foi o percurso inverso do habitual. Quando a família optou por produzir vinho de mesa, encontrou muitas dificuldades em registar a marca em Portugal e, por isso, avançou para a exportação.

Com o problema resolvido, por meados da década de 80 do século passado, a Quinta do Crasto iniciou, então, a conquista do mercado nacional e hoje já vende em Portugal 30 por cento da produção.

Há mais de um século na mesma família, a Quinta do Crasto trabalha uma área de 250 hectares e produz um milhão de garrafas de vinho.

"Também temos algum azeite, uma vez que possuímos mais de cinco mil oliveiras, que, por ter excelente qualidade, estamos a comercializar, mas o vinho é o essencial", disse Tomás Roquette, administrador desta emblemática quinta da freguesia de Gouvinhas, no concelho de Sabrosa.

Para este responsável, o desafio está na redução do tempo de vinificação de 40 para 20 dias, aumentando a área, no sentido de aumentar ainda mais a qualidade.

"Quanto menos tempo demorarmos a meter tudo dentro de portas, mais probabilidade existe de a uva se encontrar no ponto ideal. Esse é o desafio", afirmou Tomás Roquette. ■

É desde 1994 membro do conselho de administração da Quinta do Crasto, juntamente com o pai e o irmão.

ENTREVISTA

"Sem água não pode haver agricultura"

Manuel Cardoso, diretor regional de Agricultura do Norte, diz que a agricultura de hoje nada tem a ver com a do passado e que o grande desafio passa por garantir mais água para as terras

● SECUNDINO CUNHA

Correio da Manhã – O setor da Agricultura tem registado um grande crescimento em Portugal. O Norte não é exceção?

Manuel Cardoso – De forma alguma. Creio que não pode fazer-se uma distinção de índole regional no que ao crescimento diz respeito, uma vez que ele tem sido homogéneo e de 2,8 por cento ao ano. E se uma região cresceu mais na vinha, por exemplo, outra avançou mais nas frutas ou nos legumes, daí que não se possa dizer que nesta ou naquela região houve mais crescimento. O que lhe posso dizer é que, por exemplo, no pagamento único aos agricultores, a região Norte representa 32 por cento das verbas.

– Que desafios nos coloca este crescimento?

– Eu acho que temos, com urgência, de mudar de campeonato; temos de passar dos milhões para as dezenas de milhões. É isso que acontece na Espanha, na França ou na Itália e é com estes países que nós concorremos.

– E como é que se sobe de divisão?

– Há duas formas: por um lado, criando escala, apostando em mais, maiores e melhores organizações de produtores; por outro, aumentando a produtividade e diminuindo os riscos.

– Como assim?

– Garantindo mais água para as terras. Sem água não há agricultura e muito menos instalação de jovens agricultores. Se houver água, teremos maior produtividade e diminuiremos os riscos. A água vai ser o desafio do futuro.

– E como conseguir essa água, sobretudo em regiões mais secas?

– A água vem da chuva e nós só temos uma maneira de a aproveitar, que é criando reservatórios, ou seja, construindo barragens. Penso que o próximo Quadro Comunitário de Apoio (QCA) deve alocar verbas específicas para a questão da água.

– Como sabe, a construção de barragens nem sempre é pacífica...

– O que posso garantir-lhe é que as barragens têm sido sempre fator de progresso, de fixação das populações, de mais agricultura e de melhor biodiversidade, portanto, benéficas em toda a linha.

– Uma das maiores críticas ao sistema tem a ver com a grande carga burocrática a que os projetos obrigam. Pode simplificar-se?

– Pode e nós estamos a trabalhar nesse sentido, no entanto, devo dizer-lhe que há uma determinada burocracia que tem de existir, que é aquela que garante a transparência e o rigor. ■

"Temos, com urgência, de mudar de campeonato e de passar dos milhões para as dezenas de milhões

"As barragens têm sido sempre fator de progresso, de fixação das populações, de mais agricultura e melhor biodiversidade

"Há uma determinada burocracia que tem de existir, que é aquela que nos garante transparência e rigor

PERFIL

MANUEL CARDOSO é veterinário de profissão e, entre outras tarefas, já foi vereador da Câmara Municipal de Macedo de Cavaleiros. De 2009 a 2011, desempenhou funções de presidente da Área de Paisagem Protegida da Albufeira do Azibo. Por convite da ministra da Agricultura, Assunção Cristas, tornou-se, em novembro de 2011, diretor regional de Agricultura do Norte.

FOTOS NUNO FERNANDES VEIGA

Manuel Cardoso, diretor regional de Agricultura do Norte, diz que será mais fácil apresentar projetos

"Faremos uma transição suave para o próximo QCA"

CM – O que vai mudar no novo Quadro Comunitário de Apoio?

Manuel Cardoso – Não pretendemos que haja mudanças muito significativas, até porque este QCA foi um enorme sucesso a todos os níveis. Faremos uma transição suave, corrigindo algumas coisas que estiveram menos bem.

– E o que é que, em sua opinião, é necessário corrigir?

– Estamos a trabalhar, entre outros aspetos, na diminuição da carga burocrática, nomeadamente na simplificação da apresentação dos projetos, ao nível dos formulários e dos procedimentos.

– Só é necessário corrigir questões burocráticas?

– Não. Há uma questão muito importante que mudaremos radicalmente para melhor, que é a parte relacionada com os seguros. Pretendemos que sejam seguros que, verdadeiramente, cubram os riscos. ■

DEBATE MACEDO DE CAVALEIROS

Cursos de Agronomia ainda garantem emprego

■ Diretor da Escola Agrária do **Politécnico** de Bragança alerta para o perigo de extinção do engenheiro **florestal** em Portugal. É que não há candidatos

Albino Bento corta a direito: "Os cursos de Agronomia são dos que mais emprego garantem em Portugal e, mesmo assim, muitas vagas ficam por preencher."

Na Conferência de Macedo de Cavaleiros (parceria CM, JdN e BPI), o diretor da Escola Agrária do Instituto Politécnico de Bragança alertou mesmo para a possibilidade de "extinção", a curto prazo, do engenheiro florestal no nosso país.

"A Engenharia Florestal, que no meu entendimento é uma área estratégica para o nosso país, não tem procura. O curso existe em cinco escolas e, ao todo, não tem mais de quinze alunos", afirmou o professor.

Neste debate, Francisco Pavão, da Comissão Vitivinícola de Trás-os-Montes, deu conta do bom andamento na revitalização da vinha, sublinhando que a região já produz três milhões de litros de vinho certificado.

"Durante muitos anos verificou-se um enorme abandono da vinha, pelo que ainda temos muito caminho a trilhar na reconversão", afirmou Francisco Pavão, mostrando-se confiante no sucesso "cada vez maior" dos vinhos da região.

Fernando Moreno, presidente da Câmara Municipal de Macedo de Cavaleiros, lembrou que "é necessário continuar a apoiar todos aqueles que queiram apostar na terra como forma de vida, uma vez que o que existe é, no essencial, agricultura de subsistência".

> **"O que tem acontecido na agricultura é uma revolução"**
> Miguel Ribeiro

"Somos um concelho rural, mas os censos de 2011 dão conta de apenas 14 por cento de agricultores", exemplificou o autarca.

Miguel Ribeiro, do banco BPI, disse que "o que tem acontecido na agricultura portuguesa é uma revolução, tanto ao nível do crescimento como da criação de emprego". Para o gestor, os homens da terra "são um exemplo". ■

PRORURIS APOIOU CEM AGRICULTORES

● **A Proruris, empresa municipal de Vinhais, dedicada ao desenvolvimento rural, foi criada há seis anos e ajudou a instalar mais de cem jovens agricultores. Além disso, dá apoio a cerca de 1200 agricultores da região.**

MACEDO TORNA-SE CAPITAL DO MEL

● Com uma produção a rondar as cem toneladas de mel por ano, o concelho de Macedo de Cavaleiros quer afirmar-se como "capital nacional da apicultura". A revelação foi feita pelo presidente da câmara.

PORMENORES

● **PEQUENA AGRICULTURA**
Carlos Silva, presidente da Proruris, defende que "é um erro negligenciar a pequena agricultura", assegurando que "ela garante os fornecimentos à agroindústria".

● **SEIS MILHÕES DE LITROS**
Os quatro mil viticultores de Trás-os-Montes produzem seis milhões de litros de vinho por ano, mas só metade (três milhões de litros) é certificado.

● **NOVAS PLANTAÇÕES**
A região de Trás-os-Montes já atingiu os 65 engarrafadores, num crescimento que acompanha os 600 hectares de novas plantações.

● **BAIXAS EXPORTAÇÕES**
Apesar do crescimento registado (a região já tem mais de dez mil hectares de vinha), as exportações ainda não ultrapassam os cinco por cento.

● **CULTURAS ALTERNATIVAS**
Em Macedo de Cavaleiros há uma empresa que produz 250 toneladas de morangos por ano – uma alternativa.

PUB

O Banco para a agricultura.

- Financiamento para investimento e campanhas agrícolas
- Apoio à exportação

O BPI é o parceiro das empresas agrícolas. Com soluções para financiar investimentos produtivos, acompanhar necessidades de tesouraria das campanhas agrícolas e apoiar a exportação, o BPI apresenta uma oferta completa e competitiva dirigida às necessidades específicas deste sector.

Toda a informação nos Centros de Empresas ou Balcões BPI
e em www.bancobpi.pt/empresas

Patrocinador
da Feira Nacional
de Agricultura.